Capítulo XXX — Relíquias do bom Ladrão

> **Sumário.** Os instrumentos de suplício enterrados junto aos condenados. — Testemunho dos judeus. — Esforços dos judeus e dos pagãos para esconder as cruzes do Calvário. Conduta da Providência. Santa Helena em Jerusalém. Desentulho do Calvário. — A tradição. — Curiosa carta do imperador Leão ao rei dos sarracenos. — Judeu constrangido a entregar o segredo de seus correligionários. — Passagem de Gretser. — Descoberta das cruzes. — Levadas a Constantinopla com outras relíquias. — Testemunho dos historiadores Nicéforo, Zonaras, Suidas, Cedreno. Boa parte da cruz do bom Ladrão deixada na ilha de Chipre. — Testemunho do douto Lucas de Tui e de Félix Fabri, testemunhas oculares. — Parcelas da cruz do bom Ladrão em Roma, em Bolonha e noutras partes. — Autoridade dos bolandistas, de Masini, do P. Raynaud, de Orília.[1]

Nosso Senhor e os dois ladrões foram descidos da cruz logo depois de sua morte e sepultados às pressas, por causa da aproximação do sábado, que começava pelo pôr do sol. Tal era a lei dos judeus. Um de seus autores, Fílon, a explica nestes termos:

> *A lei — diz — não permite aos homicidas pagar com dinheiro o que devem pagar pela morte ou pelo exílio; mas exige rigorosamente que o sangue seja expiado pelo sangue e que a vida do assassino seja dada pela vida da vítima. Se fosse de outro modo, os assassinos fariam do assassínio e de toda sorte de crimes um jogo.[2] Contra tal gente, o legislador teria decretado mil suplícios, se o pudesse; não o podendo, ordenou, como suplemento de pena, que fossem crucificados.*

> *Contudo, Moisés, o mais brando dos homens, mostrou a sua clemência para com os culpados. Que o sol, diz, não se ponha sobre os que estão suspensos no patíbulo; mas que sejam descidos e enterrados antes que desapareça. Com efeito, duas coisas eram necessárias. Era preciso elevar da terra aqueles cujos crimes tinham maculado todas as partes da criação, a fim de tornar*

> *testemunhas de seu suplício o sol, o firmamento, o ar e a terra. Depois, era preciso enterrá-los depressa, para que não maculassem nada do que é visível.*[3]

Por conseguinte, e por causa da proximidade do grande Sábado, o corpo do bom Ladrão, logo depois do *crurifragium*, foi retirado da cruz e sepultado às pressas no próprio monte do Calvário.[4] O seu corpo só não foi sepultado. Entre os judeus, era costume enterrar junto ao corpo dos supliciados os instrumentos que tinham servido para dar-lhes a morte.

> *Era proibido — dizem os antigos rabinos — enterrar os cadáveres dos condenados nos sepulcros comuns; deviam ser postos à parte. Devia-se igualmente enterrar à parte os instrumentos de seu suplício, a saber: as cruzes, os pregos, as espadas, as pedras, conforme o gênero de morte de que tinham perecido. É por isso que era proibido crucificar numa árvore; era preciso que a árvore fosse serrada e formada em cruz, a fim de que o instrumento do suplício pudesse ser sepultado.*[5]

Na mesma cova, os judeus lançaram as três cruzes dos condenados, que ficaram enterradas durante trezentos anos, até a descoberta feita pela imperatriz santa Helena, mãe de Constantino. A operação apresentou mais de uma dificuldade.

Primeiro, os pagãos, por ódio ao cristianismo, tinham empregado todos os meios para fazer esquecer tanto o lugar da crucificação quanto a cova profunda em que se enterrara a cruz do Salvador e as dos dois ladrões. Por ordem dos perseguidores, tinham levado ao Calvário enorme quantidade de terra, com a qual se fez uma plataforma de grande profundidade que cobria todo o cume da montanha. Cercaram-na de um muro, ornado de emblemas pagãos; depois a pavimentaram e ali construíram um templo a Vênus, perto do qual ergueram uma estátua a Júpiter.

Assim, os cristãos que iam orar no Calvário eram tidos por adorar os ídolos. O receio de passar por idólatras os retinha; e, sendo pouco a pouco abandonado esse lugar sagrado, os pagãos esperavam fazer esquecer o acontecimento que ali se cumprira.[6] Sem o saber, secundavam os desígnios da Providência. Era preciso que as cruzes do Calvário ficassem escondidas até a paz da Igreja. Descobertas durante o reinado do paganismo e das perseguições, teriam sido infalivelmente profanadas ou destruídas.

A venerável imperatriz não recuou diante da dificuldade material. Grande número de soldados e de operários foram encarregados de demolir o templo da impura divindade, de derrubar a estátua do príncipe dos demônios e de desentulhar a montanha. A obra foi levada com grande atividade e logo se descobriu o cume natural da santa colina. Restava achar o lugar onde as cruzes tinham sido sepultadas. Recolheu-se a tradição da boca dos cristãos e dos judeus. De início, não deu nenhuma indicação precisa. Como se estava na incerteza, avisaram a imperatriz de que os judeus conheciam muito bem o lugar onde estavam as cruzes, mas se recusavam a dizê-lo.

Escutemos o imperador Leão escrevendo a Omar, rei dos sarracenos, o que se passou nesse encontro. Damos a sua carta por inteiro, porque é pouco conhecida e acrescenta preciosos pormenores aos que devemos a são Paulino, a santo Ambrósio e aos outros escritores eclesiásticos sobre o grande acontecimento da descoberta da cruz.

> *Vou responder — diz o príncipe — às perguntas que me dirigis sobre Jesus Cristo. Foi crucificado com dois ladrões, um à sua direita, outro à sua esquerda, e morreu no mesmo dia. Logo a terra tremeu e o sol se obscureceu. Os príncipes dos judeus, que estavam presentes, ficaram tomados de grande temor e, por causa das cruzes, foram lançados em grande embaraço.*[7]

> *Para apagar a lembrança do que se passara, enterraram essas cruzes na terra, de maneira que ninguém soubesse onde estavam, exceto um deles. Durante a vida, o depositário do segredo não o confiava a ninguém. Perto da morte, transmitia-o a um de seus parentes, dizendo-lhe: Se algum dia se tratar da cruz, saberás que está em tal lugar; e lhe mostrava o sítio.*

> *Quando Jesus Cristo quis confundir publicamente os judeus, fez aparecer a cruz a Constantino, imperador dos romanos, ainda não cristão. Quando ia para a guerra, ergue os olhos ao céu e vê no ar duas colunas cruzadas em forma de cruz; e sobre essas colunas uma inscrição resplandecente de luz. Essa inscrição, escrita em grego, dizia: Já que pedistes a Deus que vos fizesse conhecer a verdadeira fé, fazei, sobre o modelo dessa cruz, um estandarte imperial e levai-o à frente de vosso exército. O imperador obedeceu, ataca o inimigo e alcança plena vitória pela virtude da santa cruz.*

> *De volta, enviou Helena, sua mãe, com um corpo de tropas, até Jerusalém, a fim de perguntar aos judeus o que fora feito da cruz do Senhor. Como se recusassem a responder, mandou pôr muitos deles à tortura. Por fim, indicaram-lhe aquele dentre eles que era o atual depositário do segredo. A imperatriz mandou logo procurá-lo. Recusando-se a falar, desceram-no a um poço, privado de todo alimento. Ao cabo de alguns dias, sentindo-se morrer, consentiu em designar o lugar onde estavam as cruzes.*

> *Puseram-se a cavar e logo saiu da cova um odor de perfume, indicando as três cruzes, sepultadas havia trezentos anos. A imperatriz, não sabendo qual era a cruz do Senhor, fez tocar num morto a primeira que lhe apresentaram, e o morto não ressuscitou; o mesmo se deu com a segunda; mas, mal a terceira tocou o morto, ele se levantou cheio de vida. A imperatriz mandou construir uma igreja sobre o túmulo de Jesus Cristo, nela depôs uma parte da verdadeira cruz e levou o resto a seu filho.*[8]

A história conservou o nome do judeu que entregou o segredo de seus correligionários: chamava-se Judas. Convertido ao cristianismo, tomou o nome de Ciríaco, tornou-se bispo e morreu mártir sob Juliano, o Apóstata. Sua festa está marcada a primeiro de maio no Martirológio de Beda, e o relato de sua conversão se acha em Gregório de Tours[9] e em vários outros escritores referidos por Gretser.[10]

O douto religioso acrescenta:

> *Não se deve olhar essa história como fabulosa, não só por causa da autoridade de Gregório de Tours, mas por causa da autoridade muito maior do ofício eclesiástico da Invenção da santa cruz. Nesse ofício lê-se, palavra por palavra, toda a história desse Judas e todos os anos os eclesiásticos a recitam.*[11]

Entretanto, a cura instantânea de um doente às portas do túmulo e mesmo a ressurreição de um morto tinham feito conhecer com certeza a cruz do Salvador.[12] Evidentemente, provas incontestáveis permitiram distinguir a cruz do bom Ladrão, pois o Oriente e o Ocidente conservam com cuidado e honram religiosamente as preciosas relíquias do instrumento de suplício em que morreu o evangelista do Calvário. Sustentar o contrário, e sustentá-lo sem graves autoridades, seria uma injúria gratuita dirigida aos séculos cristãos. O silêncio de certos autores é apenas um argumento negativo, cujo valor desaparece diante do testemunho positivo de outros autores respeitáveis e sobretudo diante do assentimento das idades.

Ora, eis o que sabemos. Santa Helena aproveitou a sua permanência em Jerusalém para recolher, tanto quanto possível, todos os objetos santificados pelo contato do Salvador, ou testemunhas de sua morte, ou monumentos das antigas tradições bíblicas. Estes últimos, salvos da destruição pela própria Providência, subsistiam, como os fósseis nas entranhas da terra, para dar testemunho dos grandes acontecimentos narrados por Moisés. Tais eram, entre outros, a estátua de sal em que foi mudada a mulher de Lot; os ossos prodigiosos dos gigantes cujos crimes tinham atraído o dilúvio; enfim, o objeto de que vamos falar e que foi o único levado por santa Helena. Quanto aos outros, é fácil compreender com que cuidado religioso tinham sido conservados pela piedade filial dos cristãos da Palestina.

Assim, a piedosa imperatriz levou não somente uma parte da cruz de Nosso Senhor, os pregos, o título e os outros instrumentos de sua morte; mas ainda a cruz do bom Ladrão e até a do mau. Se a

primeira era um monumento de misericórdia, a segunda era um monumento de justiça. Se uma devia inspirar o arrependimento e a confiança, a outra era de natureza a ferir de salutar terror. Além disso, sem serem oferecidas uma e outra à veneração dos séculos, ambas testemunhavam o maior acontecimento da história.

Mas deixemos falar os antigos e os modernos.

> *A Imperatriz — dizem os historiadores gregos Nicéforo, Suidas, Cedreno, Zonaras — reuniu as cruzes dos dois ladrões com muitos outros objetos recolhidos na Terra Santa e levou-as a Constantinopla. Eram, entre outros: o vaso de perfume com que foi ungido o Senhor; os doze cestos e os sete cabazes que tinham contido os pães milagrosamente multiplicados, com alguns pedaços desses mesmos pães; além disso, a enxó de que Noé se servira na fabricação da arca, e muitos outros objetos marcados com os sinais de sua autenticidade.*

> *Constantino acolheu essas admiráveis relíquias com alegria e piedade dignas de sua fé. Na praça de Constantinopla que trazia o seu nome mandou erguer, para recebê-las, um soberbo monumento. Esse monumento compunha-se de quatro sólidas arcadas, delicadamente trabalhadas, formando como quatro pórticos em torno de uma magnífica coluna de pórfiro. No pedestal da coluna, o imperador depositou ele mesmo um rico cofre contendo as santas relíquias e o selou com o selo do império. Verdadeiro tesouro da cidade imperial, esse monumento subsiste ainda em nossos dias, intacto e sagrado.*[13]

Quanto à cruz do bom Ladrão, uma tradição imemorial diz que santa Helena, voltando de Jerusalém, deu-a quase inteira aos habitantes da ilha de Chipre. O fato é que, durante séculos, se conservou, e talvez se conserve ainda, num convento situado no meio das montanhas vizinhas de Nicósia, hoje Lefkosia, capital da ilha, a cruz do bom Ladrão.

Está colocada atrás do altar-mor, onde permanece, diz-se, milagrosamente suspensa. Embora tenha sido purpurada pelo sangue de um ilustre santo, acrescenta-se que, para torná-la mais venerável, santa Helena encerrou nela um pedaço da cruz do Salvador. Daí o concurso numeroso e frequente dos habitantes da ilha ao antigo mosteiro e os milagres de todo gênero, públicos e privados, obtidos nesse lugar. Tal é o testemunho de numerosos autores, recomendáveis por sua ciência e dos quais vários foram testemunhas oculares do que referem.[14]

O que restou da cruz do bom Ladrão foi levado a Constantinopla. A respeito dessa preciosa relíquia, sucedeu depois o que sucede ainda com todas as outras, mesmo com a cruz de Nosso Senhor. Uma parte foi conservada na cidade imperial, enquanto parcelas mais ou menos importantes foram enriquecer diferentes igrejas do Oriente ou do Ocidente.

Assim, na basílica Constantiniana de Santa Cruz em Jerusalém, Roma possui um pedaço importante da travessa da cruz de são Dimas. Está colocado sobre o altar da capela das relíquias e encerrado num relicário de cristal.[15] Bolonha também conserva, na bela igreja dos santos Vital e Agrícola, uma nobre parcela da cruz do mesmo santo. A veneração de que a douta cidade rodeia o ilustre companheiro do Salvador é partilhada por outras igrejas. Veremo-lo no capítulo seguinte.[16]

Notas

[1] Por relíquias do bom Ladrão entendemos a cruz em que expirou. Quanto ao seu corpo, cremos que dele nada resta na terra, sendo do parecer de vários sábios que são Dimas esteve entre os ressuscitados do Calvário. Raynaud, Cornélio a Lápide, etc.

[2] Eis o que já se pensava, há quase dois mil anos, da abolição da pena de morte.

[3] *Lib. de Special. Leg.* («Livro das leis especiais.»)

[4] *Ibique hæsit quo triduo anima infra terram cum Christo mansit.* («E ali ficou até que, por três dias, a alma permaneceu sob a terra com Cristo.») Raynaud, cap. XIII, p. 554.

[5] *Colligitur ex compendio Talmud, quod dicitur Alphesi, et Rabbinis Jacob Turim et Moyse Ægyptio, qui aiunt, cadavera damnatorum vetita esse inferri in sepulcra cæteris communia, sed in privata seorsum ab aliis esse ponenda; rursumque separatim esse pariter sepelienda instrumenta illa, quibus mors illata fuisset, nempe cruces, clavos, enses, lapides, pro mortis genere, quo quis affectus esset; eaque ratione vetitum pariter fuisse tradunt, aliquem suffigi arbori, sed ex ligno exciso juberi componi crucem, eamdemque seorsum sepulturæ mandandam cum reliquis ad mortem adhibitis instrumentis.* («Colhe-se do compêndio do Talmude, que se diz de Alfesi, e dos rabinos Jacó Turim e Moisés, o Egípcio, que dizem que era proibido introduzir os cadáveres dos condenados nos sepulcros comuns aos demais, mas que deviam ser postos em sepulcros privados, à parte dos outros; e que, igualmente, deviam ser sepultados separadamente aqueles instrumentos com que fora infligida a morte, a saber, cruzes, pregos, espadas, pedras, conforme o gênero de morte de que alguém fora afetado; e por essa razão dizem que também era vedado pregar alguém numa árvore, mas que se mandava compor a cruz de madeira talhada, e esta ser entregue à sepultura à parte, com os demais instrumentos empregados para a morte.») Em Barônio, ano 34, n.º 134.

[6] Sozômeno, *Hist.*, liv. II, cap. I. Id., S. Jerônimo, em Gretser, *De Cruce*, liv. I, cap. LXII, p. 192, ed. *in-4.º*

[7] N. do T.: o texto francês parece ter omitido algumas palavras neste ponto («et, à cause des croix jetés dans un grand embarras»); traduzimos o sentido provável.

[8] *Epist. Leon. imperat. ad Umarum Reg. Saracen.* na *Bibl. PP.*, t. III; e em Gretser, *De Cruce*, t. II, p. 75, edição *in-4.º* — A mesma tradição se encontra em Sozômeno: *Attamen locus tandem patefactus est; et deprehensa illa tantopere quæsita decipienda fallacia, indicio, ut nonnulli tradunt, viri cujusdam Hebræi in Oriente habitantis, qui ex paterna traditione id acceperat.*

(«Contudo o lugar foi por fim descoberto; e, apanhada aquela tão procurada fraude de enganar, por indício, como alguns referem, de certo homem hebreu que habitava no Oriente e que o recebera por tradição paterna.») — A essa tradição, que não rejeita, o autor substitui a sua explicação pessoal: *Ut autem vero propius est, Dei per signa et insomnia impellentis et excitantis admonitu.* («Como, porém, é mais próximo do verdadeiro, por advertência de Deus, que o impelia e excitava por sinais e sonhos.») *Hist. eccl.*, liv. II, cap. I. Pode-se lê-la muito detalhada num anônimo grego, referido por Gretser. *Ibid.*, liv. II, p. 327 e segs.

[9] *Hist. Franc.*, liv. I, cap. XXVI.

[10] *Ubi supra.*

[11] *Neque fabulæ loco habenda est hæc de Juda narratio; non modo propter Gregorii Turonensis auctoritatem, sed multo magis propter officium Ecclesiasticum de Inventione sanctæ Crucis, in quo eadem prorsus de Juda leguntur, et ab omnibus Ecclesiasticis quotannis recitantur.* («Nem se deve ter esta narração sobre Judas por fábula, não só por causa da autoridade de Gregório de Tours, mas muito mais por causa do ofício eclesiástico da Invenção da santa Cruz, em que se leem absolutamente as mesmas coisas sobre Judas e todos os eclesiásticos as recitam anualmente.») *Ibid.*, liv. I, cap. LXII, 192. — Vê-se que se trata dos antigos breviários. — *In martyrologio Bedæ primo Martii signatur memoria hujus Quiriaci his verbis: Hierosolymis Passio sancti Judæ sive Quiriaci episcopi, cui revelatum est signum Dominicæ crucis.* («No martirológio de Beda, a primeiro de março, assinala-se a memória desse Ciríaco com estas palavras: Em Jerusalém, a Paixão de são Judas ou Ciríaco, bispo, a quem foi revelado o sinal da cruz do Senhor.») *Ibid.* — Embora martirizado em Jerusalém, Ciríaco não foi bispo dessa cidade. O catálogo dos bispos de Jerusalém não faz menção dele.

[12] Alexandre, o Monge, *De Crucis invent.*, em Gretser, liv. II, p. 41. S. Ambrósio, *Orat. de obitu Theodos. Imp.*; S. Paulino, *Epist. ad Sever. de invent. S. Crucis*; Rufino, *Hist. Eccl.*, liv. I, cap. VII e VIII; Teodoreto, *Hist. Eccl.*, cap. XVII, etc., etc.

[13] *Cruces latronum una cum multis aliis ex Terra sancta allatis monumentis, positas a Constantino magno, in Foro, vel potius defossas sub Foro... et vasculum unguenti, quo Christus unctus est, et alia multa signis prænotata, posita quidem a Constantino magno.* («As cruzes dos ladrões, juntamente com muitos outros monumentos trazidos da Terra Santa, postas por Constantino Magno no Fórum, ou antes, enterradas sob o Fórum... e o vasinho do unguento com que Cristo foi ungido e muitas outras coisas assinaladas com sinais, postas por Constantino Magno.») Suidas, v.º *Forum*. — *Quatuor autem solidis firmisque absidis pulcre circumcirca basi columnæ fundatæ; sub ea ipsa basi duodecim cophinos et septem sportas, nec non reliquias septem panum, quibus benedictione consecratis Christus multitudinem pavit; præterea dolabram Noe, qua ille arcam construxit, manibus ipse suis imperator, sigillo suo ea omnia obsignata reposuit. Quæ ad nostra usque tempora etiamnum urbi ipsi intactus inviolatusque thesaurus permanent.* («Quatro sólidas e firmes absides, belamente erguidas em volta sobre a base da coluna; sob essa mesma base, doze cestos e sete cabazes, bem como as relíquias dos sete pães com que Cristo, consagrados com a bênção, alimentou a multidão; além disso a enxó de Noé, com que construiu a arca: o próprio imperador, com suas mãos, depositou tudo isso selado com o seu selo. Os quais, até aos nossos

tempos, ainda permanecem para a própria cidade como tesouro intacto e inviolado.») Nicéforo, *Hist.*, liv. VII, cap. XLIX; Cedreno, *Compend. Hist.*; Zonaras, *Annal.*, etc.; Gretser, *De Cruce*, liv. I, cap. XCIX, p. 307, etc.

[14] Contentar-nos-emos em citar o célebre dominicano Félix Fabri, em seu *Evagatorium Terræ sanctæ*, 3 vol., 1557; Lucas de Tui, *Adv. Albigens. errores*, liv. II, cap. XIX, p. 233. «Assim — diz o P. Raynaud —, Félix Fabri, Lucas de Tui e outros mais recentes o referem em toda parte.» *Metamorphosis*, p. 556. — Eis o texto do douto bispo de Tui: *In cujusdam celsi montis cacumine, qui est in insula Cypri in confinio urbis Nichosiensis, est quoddam monasterium situm, ubi ostenditur quædam magna crux quatuor brachiorum, quæ post altare ipsum monasterii in aere pendere videtur, quod plures dicunt humano artificio provenire, quibusdam aliis hoc miraculo adscribendum. Hæc (ut fama refert) fuit crux illius latronis, qui nostræ Redemptionis hora, alio blasphemante, se Jesu Domino commendavit. Hanc crucem beata Helena mater imperatoris Constantini (ut fertur) ab Hierosolymis detulit, et in loco jam dicto qui antiquitus Veneri fuerat consecratus, eam argenteis thecis operiens, et in medio illius crucis inserens partem dominici ligni ad tuitionem insulæ honorifice collocavit. Post cujus locationem crucis, ut dicunt indigenæ regionis, per virtutem dominici ligni, innumera Dominus insulæ Cypri contulit beneficia... Populorum turbæ frequenter ad supradictum confluunt monasterium*, etc. («No cimo de certo alto monte, que está na ilha de Chipre, nos confins da cidade de Nicósia, há um mosteiro, onde se mostra uma grande cruz de quatro braços, que parece pender no ar atrás do próprio altar do mosteiro; o que muitos dizem proceder de artifício humano, outros atribuem a milagre. Esta (segundo a fama) foi a cruz daquele ladrão que, na hora de nossa Redenção, enquanto o outro blasfemava, se encomendou ao Senhor Jesus. Esta cruz a bem-aventurada Helena, mãe do imperador Constantino, trouxe (diz-se) de Jerusalém e, no lugar já mencionado, que antigamente fora consagrado a Vênus, cobrindo-a de relicários de prata e inserindo no meio dessa cruz uma parte do lenho do Senhor, colocou-a honrosamente para defesa da ilha. Depois da colocação dessa cruz, como dizem os indígenas da região, pela virtude do lenho do Senhor, o Senhor concedeu à ilha de Chipre inumeráveis benefícios... As multidões dos povos acorrem frequentemente ao supradito mosteiro», etc.) Ver *Bibl. PP.*, t. XXV. Raynaud, *ubi supra*.

[15] *Bononiæ S. Dismam, Beatum Latronem, in veneratione esse, in Ecclesia SS. Vitalis et Agricolæ, ubi pars aliqua crucis ejus adservatur.* («Em Bolonha, são Dimas, o Bem-aventurado Ladrão, é tido em veneração na igreja dos Santos Vital e Agrícola, onde se conserva uma parte de sua cruz.») Bolland., 25 de março; Raynaud, *ubi supra*, e Masini, *Bononia illustrata*, etc.

[16] Orília, p. 15, etc.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:34 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:34 by Admin